

---

## APRESENTAÇÃO

A edição de número 34 da Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo disponibiliza para seus leitores uma diversidade de textos que orbitam o processo histórico da representação artística e literária discutindo temas como o exílio, o trauma, a violência. Além disso, os processos de (des)construções identitárias são percebidos pelos diversos olhares e análises problematizadores de situações que acabam adquirindo uma espécie de invisibilidade perante discursos que banalizam sua real importância.

O primeiro artigo desta edição, de autoria de *Ana Paula Cabrera e Luciana Ferrari Montemezzo*, **LUISA CARNÉS: A HISTÓRIA DE UMA ESCRITORA EXILADA** aborda a questão do exílio no período da ditadura franquista. A explicação do porquê ela sofreu com a perseguição do regime ditatorial espanhol está relacionada com aquilo que uma sociedade democrática - no sentido de construção da sua cidadania - almeja e exige e que se insere no contexto de sua produção, conforme apontam Cabrera e Montemezzo: “Carnés é uma trabalhadora que toma a palavra e se converte em um ser político, preocupado com os marginalizados e principalmente com as mulheres, converte-se em um ser que talvez não tenha encontrado o seu lugar no exílio, mas que fez dele um instrumento para recordar as terras longínquas da Espanha”.

**DE DONZELA À CORTESÃ: A MULHER EM LUCÍOLA**, de *Higor Miranda Cavalcante e Valdeci Batista de Melo Oliveira*, lança o olhar para uma obra clássica do Romantismo brasileiro, refletindo sobre o papel da cortesã no século XIX e as convenções sociais e estéticas presentes na obra de José de Alencar. Essas imagens presentes na obra permitem que se amplie a visão sobre outras obras do escritor e também uma tendência do comportamento exigido das mulheres, pois não “apenas nesse romance, mas em toda a sua obra, José de Alencar se esmerou em “dilatara” a fé cristã, especialmente para leitoras, animando-as com um imaginário nacional/religioso que circunscrevia os limites da moralidade cristã burguesa”.

Terceiro texto desta edição, **A PRIMEIRA GUERRA NO ROMANCE PICAresco DE HANS HERBERT GRIMM SCHLUMP**, de *Valéria Sabrina Pereira*, realiza um estudo sobre uma obra cuja trajetória possui uma reflexão importante: o relato de um soldado impertinente no contexto da Grande Guerra e sua não aceitação por parte do ideal nacionalista do nazismo defendido após a sua publicação. A destruição da sua primeira edição juntamente com outras obras consideradas de “espírito não-alemão” na Queima de Livros de 10 de maio de 1933, acaba por despertar um interesse ainda maior por sua reedição em 2012. A característica do romance picaresco é evidenciada na obra por Pereira, quando destaca que “*Schlump* traz um protagonista que se adequa mal ao padrão social no qual está inserido, mais especificamente ele não está disposto a aceitar ordens, mas ele nunca se encontra realmente à margem como os protagonistas de diversas obras do gênero”. No entanto, apesar de ser um protagonista questionador transitando em um contexto de guerra, “para uma obra

pacifista, falta o aspecto esclarecedor sobre a realidade da guerra”.

A representação da escravidão no Brasil adquire novos contornos no confronto entre a narrativa presente nas pinturas de Jean-Baptiste Debret e as imagens decorrentes da literatura de Machado de Assis. O trabalho de *Gilson Ramos Lopes Neto e João Luis Pereira Ourique*, **DEBRET E MACHADO: VOZES E IMAGENS DA ESCRAVIDÃO NO BRASIL**, apresenta uma relação entre obras do pintor francês sobre essa “paisagem cultural” que constrange e afronta a história da formação da sociedade brasileira com o conto de Machado - *Pai contra mãe* - destacando como foi internalizada a lógica da opressão e do preconceito como inevitáveis nas relações sociais e culturais. As análises se propõem a ressignificar, além do contexto no qual as obras estão inseridas, as idiosincrasias do próprio presente, evidenciando que um “diálogo entre a arte pictórica e a literatura dos dois artistas atesta que a barbárie do sistema escravocrata não tinha como ser vista como um ato convencional e natural”.

**CIDADE E VIOLÊNCIA NO CERRADO GOIANO: UMA LEITURA DE HERANÇA DE SANGUE, DE IVAN SANT’ANNA**, de autoria de *Leonardo José Rodrigues e Ewerton de Freitas Ignácio*, apresenta uma análise de uma narrativa centrada em um contexto distante do processo civilizatório, confrontando ideias e ideais pautados em outros valores e em uma ordem do dia mais complexa em que a vida é mais banal do que se poderia imaginar e onde os massacres se tornam aspectos do cotidiano. Rodrigues e Ignácio salientam que o romance “*Herança de sangue* apresenta uma narrativa em que as personagens têm vida efêmera, posto que são vitimadas pela violência que, oriunda de individualidades, acaba por plasmar os contornos simbólicos de todo um espaço urbano, tornando-se, ela mesma, também personagem”.

**ENTRE KAFKA E STENDHAL: CRÍTICA LITERÁRIA E HISTÓRIA NA LITERATURA DOCUMENTAL DE VERTIGEM, DE W. G. SEBALD**, de Carla Lavorati e Rosani Ketzner Umbach, traz um estudo sobre a primeira obra de Winfried Georg Maximilian Sebald lançada em 1990. Sendo boa parte da narrativa autobiográfica centrada nas viagens pela Itália e depois, provavelmente, para Wertach - Alemanha -, a sua estrutura se orienta “a partir de um narrador em primeira pessoa, diferente do que acontece com os capítulos sobre Stendhal e Kafka, escritos na voz impessoal e que se assemelham ao gênero ensaio crítico”. A tensão dos espaços limiáres, tendo em vista o “modo como os personagens reais são ficcionalizados a partir de documentos que se ligam a histórias de vidas de carne e osso, estabelece um modelo de representação no qual as fronteiras entre real e imaginário, biografia e autobiografia, vida e morte são diluídas”.

*Gisele Almeida da Luz e Vera Lúcia Lenz Vianna* assinam o ensaio **O TRAUMA NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL EM O MEU AMIGO PINTOR (1987), DE LYGIA BOJUNGA NUNES**. Partindo do conceito de mimese, as pesquisadoras evidenciam o processo de interpretação da obra literária vinculando o aspecto intrínseco da produção literária ao trauma, problematizado quando inserido no contexto da literatura infanto-juvenil e das diversas questões que atravessam a formação do indivíduo e surgem mediante a representação artística e literária. Assim, a leitura da obra apresenta relações com elementos da vida *adulta* que também são importantes para a identidade da criança e do jovem em suas diversas etapas, como a relação das personagens com o contexto histórico da ditadura militar e

com situações de extremo sofrimento. Luz e Vianna salientam que um dos “motivos para a importância de se trabalhar com questões reais na literatura para os pequenos e adolescentes, está no fato de que ao ler estas temáticas, o leitor constrói, juntamente com o texto, um desencadeamento de ideias e conclusões para os problemas apresentados pelo narrador”.

**IDENTIDADES SOCIAIS, PADRONIZAÇÃO E CORES: A TRAJETÓRIA DE LENINA EM ADMIRÁVEL MUNDO NOVO, DE ALDOUS HUXLEY** é o artigo que encerra a presente edição. Da autoria de *Alana Michelli Bof e Roberto Rossi Menegotto*, a análise é centrada na personagem Lenina Crowne, enfermeira de um dos laboratórios do Centro de Incubação, evidenciando como a narrativa discute os processos de condicionamento social e como as imagens apresentadas, destacando-se as cores das suas roupas, permitem novas leituras de como são construídas as identidades sociais. Dessa forma, “a análise dessas particularidades da obra permite constatar a força simbólica e representativa das cores, que podem estar intimamente relacionadas com a representação das identidades dos personagens. Por meio de suas vestimentas, Lenina caracteriza, inconscientemente, a intenção de se libertar das amarras e buscar uma individualidade em relação a outros”.

Agradecemos a contribuição de pesquisadores que confiaram na proposta de publicação da *Literatura e Autoritarismo*, já consolidada como um selo que se propõe a discutir a opressão a partir da produção literária e artística. Infelizmente, a constante da violência e do autoritarismo fornece material para análise em uma velocidade que supera a capacidade de elaboração de leituras consistentes sobre essas construções simbólicas. Aproveitamos para convidar os leitores desta edição que partilhem suas opiniões e elaborem suas análises para que o viés crítico possa permanecer como forma de resistência aos dogmas que legitimam a exclusão de toda e qualquer *Outridade*.

Os Organizadores  
João Luis Pereira Ourique  
Rosani Ketzer Umbach

